

TÍTULO: (H)À EDUCAÇÃO

Autor: Maria João Loureiro *

E-mail: mjoao@ua.pt

COVID-19 e Educação: que janela de oportunidades se abre?

A questão da abertura das escolas tem feito correr “muita tinta” nestas últimas semanas e está rodeada de incertezas, que se prendem com o desconhecimento de como evoluirá a situação de pandemia em que vivemos. Considera-se que as decisões no que respeita à Educação, como a abertura das escolas ou não, a avaliação dos alunos, em particular no 11.º e 12.º ano, têm sido pautadas por falta de coragem política para propor soluções de rutura, como a proposta pelo Professor Marçal Grilo, e parecem não ter em conta que a pandemia só será ultrapassada quando tivermos uma vacina ou um tratamento para a COVID-19. Até lá será necessário manter medidas de contenção ainda durante largos meses.

Faz-se de seguida uma leitura crítica de algumas das medidas tomadas/anunciadas, que vão no sentido da continuidade das práticas educativas e não dão resposta aos desafios que todos enfrentamos. O ensino *online*, baseado no preenchimento de fichas de trabalho e na comunicação feita maioritariamente por email (dados do OP-Edu - <http://www.op-edu.eu/>), enquadra-se na continuidade. Criar um canal de telescola, cujos conteúdos ainda não são conhecidos, nem quem os vai produzir, e que supostamente serão um complemento à atividade dos professores, levanta muitas dúvidas. A primeira prende-se com a qualidade do trabalho que, independentemente dos intervenientes, está a ser feito “à pressa”. Por outro lado, a televisão pode ter uma larga penetração social mas a comunicação de muitos alunos com os professores continuará a ser deficitária, por falta de meios. Assim sendo, continuará a haver alunos excluídos, mesmo que seja feito um esforço de distribuição de equipamentos, que se pensa ser um erro se se tiver em conta o que aconteceu, por exemplo, com os Magalhães. Acresce que esta última medida pode provocar ansiedade, dado professores e alunos terem que rever os horários e estratégias de trabalho definidos nas escolas já depois do seu encerramento. Outra medida que está a ser equacionada é a de agendar para breve o retorno dos alunos do secundário às aulas presenciais. Esta medida pode ser problemática ao nível da propagação da COVID-19, porque será muito difícil a manutenção do distanciamento físico.

Tendo em conta o quadro descrito, que janela de oportunidades se abre no campo da Educação? Considera-se ser mais profícuo apostar em alternativas que alarguem o

campo da Educação, que a reinventem e possam promover uma reflexão sobre os impactos desta crise e a procura de soluções que possibilitem minorar os problemas sociais e económicos que já se fazem sentir. A proposta do Professor Marçal Grilo, de acabar o ano letivo e haver passagem administrativa, que implica rutura, é portanto bem vinda. Além disso, e à semelhança do que aconteceu no ano letivo de 1974/75, não havendo condições para fazer exames de acesso ao ensino superior, em 2020/21 não haveria ingressos.

Dando por terminado o ano, o papel da escola podia centrar-se na Educação para a cidadania e para a sustentabilidade, tendo como embaixadores os alunos que não entrassem no ensino superior, que fariam um ano de trabalho cívico, e envolvendo a comunidade educativa em geral. Enquanto membro do CIDTFF/UA, considera-se que se poderia alargar o alcance e o impacto de projetos como o Sinergias ED ou o ProChild CoLAB. Se tivermos em conta a urgência de educar para o consumo, entre outros, de produtos alimentares, poder-se-ia criar uma rede para promover o seu não desperdício e para ajudar a levar a bom porto a campanha “Alimente quem o alimenta”.

Artigo escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico

* Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) da Universidade de Aveiro